

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2017

Direitos reservados para Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Texto © Nelson R. Mandela e Fundação Nelson Mandela, 2017

Prólogo © Graça Machel, 2017

Conceito e *design* © Blackwell and Ruth Limited, 2017

Design do livro por Cameron Gibb

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Edição original publicada por Blackwell and Ruth Limited

405 IronBank, 150 Karangahape Road, Auckland 1010, New Zealand

www.blackwellandruth.com

A publicação da edição original foi possível graças ao financiamento de Industrial Development Corporation



Título original: *Dare Not Linger – The Presidential Years*

Autores: Nelson Mandela e Mandla Langa

Tradução: Francisco Silva Pereira

Revisão: Rui Aires Augusto/Editorial Presença

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Imagem da capa: Jillian Edelstein, Camera Press London

Imagem da contracapa: Paul Weinberg/South Photographs/Africa Media Online

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 433 043/17

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2017

ÍNDICE

Prólogo	9
Nota para o leitor	11
Prefácio	13
Capítulo Um: O desafio da liberdade	21
Capítulo Dois: Negociar a Democracia	36
Capítulo Três: Uma eleição livre e justa	62
Capítulo Quatro: Entrada nos Union Buildings	91
Capítulo Cinco: Unidade Nacional	120
Capítulo Seis: A presidência e a Constituição	160
Capítulo Sete: Parlamento	181
Capítulo Oito: Liderança tradicional e democracia	197
Capítulo Nove: Transformação do Estado	221
Capítulo Dez: Reconciliação	260
Capítulo Onze: Transformação social e económica	287
Capítulo Doze: Negociar com os média	318
Capítulo Treze: No palco africano e mundial	331
Epílogo	351
Informação Suplementar	
Apêndice A	361
Apêndice B	364
Apêndice C	387
Apêndice D	394
Notas finais	397
Agradecimentos	423

CAPÍTULO UM

O DESAFIO DA LIBERDADE

Nelson Mandela tinha ouvido esta canção de liberdade e as suas muitas variações muito antes de ser libertado da Prisão Victor Verster* em 1990. Os esforços concertados do aparelho de segurança do Estado e das autoridades prisionais no sentido de o isolar do drama da luta que se desenrolava — e da sua banda sonora evocativa — não conseguiam impedir o fluxo de informação entre o valioso prisioneiro e os seus muitos interlocutores. No final da década de 1980, a entrada nas prisões, entre elas Robben Island, de recém-chegados, na sua maioria jovens, oriundos de diversas formações políticas — antecedida em 1976 pela enchente de estudantes ativistas após as sublevações no Soweto e noutras lugares — marcou a escalada da luta e trouxe com ela novas canções, em que cada verso era um comentário codificado aos progressos ou reveses, tragédias ou comédias, que tinham lugar nas ruas. O refrão recorrente destas canções era o facto de o regime sul-africano se encontrar no lado errado da História.

À semelhança da maioria das pessoas que aceitam que a História lhes reservou um lugar especial, e provavelmente familiarizado com o dito mordaz de Emerson — «ser grande é ser incompreendido»¹ —, Mandela sabia que o seu legado estava dependente do rumo que ele tinha defendido: as conversações entre o Governo e o ANC. Estas tinham começado cinco anos antes da sua libertação, quando, acabado de sair de um *check-up* médico no Volks Hospital, onde fora visitado por Kobie Coetsee**, então ministro da Justiça, Mandela referira esta mesma questão. A presença de Coetsee era um vislumbre de esperança numa escuridão quase total. O ano de 1985 marcou o período mais sangrento da luta, uma época caracterizada por uma irreversibilidade de intenções e

* Prisão Victor Verster — ver Pessoas, Lugares e Acontecimentos.

** Kobie Coetsee — ver Pessoas, Lugares e Acontecimentos.

por um endurecimento de atitudes entre fações que se encaravam de extremos opostos de um grande abismo.

Oliver Tambo*, o presidente do ANC e compatriota de Mandela, acabara de pedir aos Sul-Africanos que tornassem o país ingovernável.² Mandela, porém, percebeu que o preço seria mais pesado para as massas desarmadas, que enfrentavam um inimigo que tinha ao seu dispor a panóplia do poder estatal. Mas ele era um prisioneiro, um preso político que, à semelhança de um prisioneiro de guerra, apenas tinha uma obrigação: fugir. Mas a fuga da sua prisão imediata encontrava-se irreversivelmente ligada à necessidade dessa outra fuga, mais lata, ou libertação, do povo da África do Sul das grilhetas de uma ordem injusta. Tendo estudado demoradamente o inimigo, bem como a sua literatura sobre História, Jurisprudência, Filosofia, Linguagem e Cultura, Mandela chegou à conclusão de que os brancos estavam destinados a descobrir que o racismo os deixara tão danificados como aos negros. O sistema baseado em mentiras dera-lhes uma falsa noção de superioridade, algo que se revelaria venenoso para eles e para as gerações futuras, tornando-os inadequados para o mundo mais vasto.

Separado dos seus colegas ao voltar do hospital para a Prisão de Pollsmoor**, um período ao qual Mandela chamou o seu «esplêndido isolamento», percebeu que algo tinha de acontecer. Concluiu que «simplesmente não fazia sentido que ambos os lados perdessem milhares, ou mesmo milhões, num conflito que era desnecessário».³ Estava na altura de conversar.

Ciente das repercussões dos seus atos na luta de libertação em geral e no ANC em particular, resignara-se ao seu destino: se as coisas corresse mal, pensou, o ANC ainda poderia conservar a dignidade ao atribuir os seus atos aos disparates erráticos de um indivíduo isolado, que não era seu representante.

«Os grandes homens fazem história», escreve C. L. R. James, o influente historiador afro-trinidadense, «mas apenas a que lhes é possível fazer. A sua liberdade de realização é limitada pelas necessidades do seu meio.»⁴

* Oliver Tambo — ver Pessoas, Lugares e Acontecimentos.

** Pollsmoor, Prisão de Segurança Máxima de — ver Pessoas, Lugares e Acontecimentos.

Em quase três décadas de encarceramento, Mandela tinha dedicado bastante tempo à análise do país que estava destinado a liderar. Naqueles momentos em que esperava notícias dos seus captores ou um sinal clandestino dos seus compatriotas, pensava na natureza da sociedade, nos seus santos e monstros. Embora na prisão — limitada a sua liberdade de realização pelas necessidades do seu meio —, teve gradualmente acesso às mais altas esferas do poder do *apartheid*, acabando por se encontrar com um adoentado presidente P. W. Botha, e mais tarde com o seu sucessor, F. W. de Klerk.*

Lá fora, as mortes multiplicavam-se, assim como os esquadrões da morte; mais funerais davam origem a mais ciclos de matanças e assassínios, incluindo os de académicos. Uma nova linguagem desenvolvia-se nas ruas, e as pessoas acostumavam-se às unidades de autodefesa e a métodos de execução mais sinistros, como o brutal «colar»**, usados naqueles que eram vistos como colaboradores do *apartheid*.

Em todos os encontros que Mandela teve com representantes do Governo, o que era fundamental na sua mente era encontrar uma solução para a tragédia sul-africana. Desde De Klerk até ao polícia de 19 anos de armadura completa que tentava rechaçar uma multidão enfurecida, tratava-se de homens e mulheres de carne e osso, que, como uma criança a brincar com uma granada, pareciam não perceber que estavam a caminhar para a destruição — e a arrastar inúmeros milhões com eles.

Mandela esperava que o bom senso prevalecesse antes que fosse demasiado tarde. Quase com 70 anos, tinha consciência da sua mortalidade. Talvez num acesso de excentricidade, escreveria muito mais tarde algo que viria a revelar-se profético:

«Ao longo dos séculos, homens e mulheres de todo o mundo vêm e vão. Alguns não deixam nada de seu, nem sequer os seus nomes. Seria de pensar que nunca teriam existido. Outros deixam algo: a memória sombria das más ações praticadas contra outros seres humanos; o abuso de poder de uma ínfima minoria branca contra uma maioria negra de africanos, gente de cor e indianos, a negação de direitos humanos básicos a essa maioria, um racismo raivoso em todos os setores da vida,

* P. W. Botha; F. W. de Klerk — ver Pessoas, Lugares e Acontecimentos.

** O «colar» é um método de execução com tortura em que um pneu cheio de combustível é colocado em redor do pescoço da vítima e depois incendiado.

a detenção sem julgamento, a tortura, os ataques brutais dentro e fora das prisões, a separação de famílias, forçando as pessoas ao exílio, à clandestinidade, e atirando-as para a prisão durante longos períodos de tempo.»⁵

Como quase todos os sul-africanos negros, Mandela vivera em primeira mão cada uma das violações que citava, ou sabia de pessoas que lhe eram próximas que tinham sofrido horrores às mãos das autoridades. Vivia-se o período da morte súbita, onde os incidentes mais pareciam títulos de filmes americanos de série B: Os Sete de Gugulethu; Os Quatro de Cradock; O Massacre do Cavalo de Troia.* Em todos estes casos, em que jovens líderes comunitários e ativistas foram brutalmente assassinados no auge da repressão estatal de meados da década de 1980, as agências de segurança do Estado negavam a sua cumplicidade ou afirmavam ter sido atacadas.

Recordando Sharpeville**e outros massacres perpetrados pelas forças de segurança do *apartheid* em que dezenas de pessoas tinham sido estropiadas ou assassinadas por intervenção policial, Mandela evoca imagens perturbadoras de uma «força policial de dedo leve no gatilho que massacrrou milhares de pessoas inocentes e indefesas», e que recorre à blasfêmia ao usar «o nome de Deus [...] para justificar a prática do mal contra a maioria. Na sua vida quotidiana, estes homens e mulheres, contra quem o regime cometeu estas atrocidades sem paralelo, usavam roupas caras e frequentavam a igreja com regularidade. Na realidade, representavam tudo o que era sinónimo do diabo. Não obstante todas as suas pretensões de serem uma comunidade de gente devota, as suas políticas eram denunciadas por quase todo o mundo civilizado como um crime contra a Humanidade. Foram suspensos das Nações Unidas e de uma série de outras organizações mundiais e regionais [...] [e] tornaram-se as doninhas-fedorentas do mundo.»⁶

* Os Sete de Gugulethu eram sete jovens ativistas anti-*apartheid* que foram abatidos a tiro pela Polícia a 3 de março de 1986 em Gugulethu, perto da Cidade do Cabo; os Quatro de Cradock eram quatro ativistas anti-*apartheid* que viajavam de Port Elizabeth para Cradock, no Cabo Oriental, a 27 de junho de 1985, quando foram raptados pela Polícia de Segurança, sendo depois torturados e assassinados; o Massacre do Cavalo de Troia teve lugar a 15 de outubro de 1985, quando a Polícia de Segurança em Athlone, Cidade do Cabo, se escondeu atrás de caixotes num camião da South-African Railways, levantando-se e abrindo fogo sobre uma manifestação anti-*apartheid*, matando três jovens, incluindo um rapaz de 11 anos.

** Massacre de Sharpeville — ver Pessoas, Lugares e Acontecimentos.